

**A REVISTA DO BRASIL DURANTE O ESTADO NOVO (1938-1943): A SEÇÃO LETRAS PORTUGUESAS.** Alex Gomes da Silva. Orientador: Tania Regina de Luca. – História -- História – Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

A *Revista do Brasil* foi fundada em 1916 pelo jornalista e dono do jornal *O Estado de S. Paulo*, Júlio de Mesquita, sendo editada na capital paulista. Lançada em vários momentos ao longo do século XX, a publicação, até os limites temporais estabelecidos pela pesquisa em curso, sofreu três interrupções, as quais abrangeram o período de janeiro de 1916 a dezembro de 1943. Em maio de 1918, por discordância entre Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Junior, até então responsável pela organização da Revista, o periódico passou para as mãos de Monteiro Lobato. Aliando sua produção literária ao periódico, Lobato lhe conferiu um significativo salto editorial. Em virtude dessa e de outras iniciativas, a revista circulou intermitentemente até maio de 1925. Nesta primeira fase foram editados aproximadamente 113 números. Após esse período, e já adentrando a sua segunda fase, a publicação passou a integrar o “Império” de comunicação de Assis Chateaubriand. A razão do declínio dos negócios editoriais e gráficos de Lobato atrelam-se a um espectro amplo de fatores, indo desde a deficiência de crédito, oriunda dos distúrbios causados pela Revolução de 1924, à retração de seus vencimentos, fruto do cancelamento de todas as edições escolares compradas pelo governo, devido as críticas desferidas ao governo de Artur Bernardes.

Ao se tornar proprietário dos direitos de publicação da revista, Assis Chateaubriand lança, no Rio de Janeiro, a segunda fase da *Revista do Brasil*. O periódico circulou quinzenalmente, entre setembro de 1926 a janeiro de 1927, perfazendo nove números. As dificuldades financeiras e políticas enfrentadas por Chateaubriand explicam a curta duração da revista durante essa fase.

Relançada em julho de 1938, a *Revista do Brasil* adentra a sua terceira fase. O responsável pela parte editorial do periódico foi o historiador Otávio Tarquínio de Souza. Nessa fase, que se estendeu até 1943, foram publicados 56 exemplares.

Centrado nesta terceira fase da publicação e, especificamente, na seção *Letras Portuguesas* (1938-1943), o presente trabalho visou pôr em discussão o perfil monolítico atribuído à imprensa brasileira na década de 1930. Foi tendo em vista essa proposta que a *Revista do Brasil*, na categoria simultânea de fonte e objeto de pesquisa, foi mobilizada no intuito de discutir essa questão. Neste sentido, o objetivou-se verificar como as análises de Lúcia Miguel Pereira na referida seção colaboraram para reconstruir o clima da época e como dialogavam com as restrições impostas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o qual, segundo Maria Helena Rolim Capelato (1999, p. 172), “foi fruto da ampliação da capacidade de intervenção do Estado no âmbito dos meios de comunicação e da cultura”.

Estabelecidos os parâmetros norteadores do trabalho, partiu-se da leitura e fichamento sistemático da bibliografia referente ao período, sem perder de vista o seu entorno da seção no corpo da revista, ou seja, o material que a antecedia e sucedia. Os resultados alcançados na análise de outras seções que também figuraram na *Revista do Brasil* em sua terceira fase foram, de fato, de fundamental valia para o bom desenvolvimento da presente pesquisa, pois ofereceram subsídios que ajudaram a compreender a função específica das análises de Lúcia Miguel Pereira para a seção, ilustrando assim a posição de alguns dos colaboradores frente às questões postas pelo contexto nacional e internacional.

Sobre esse aspecto, ao comentar na seção autores portugueses que, de alguma forma, se opuseram à ditadura salazarista, Lúcia deu ensejo à compreensão tanto da sociedade portuguesa quanto da sociedade brasileira que, da mesma forma que a primeira, vivia sob os parâmetros impostos pela ditadura varguista. As suas mensagens convidam a pensar que, no Brasil, diferentemente do que consagrou a historiografia até então, existiam pólos de reflexão que, embora estivessem cerceados pelos mecanismos de repressão expressos por este regime, batiam-se em prol da constituição de outros valores sociais.

Ao expor suas considerações sobre as obras dos escritores portugueses, Lúcia destacou a intensidade da relação mantida entre o pensamento construído pelos escritores portugueses analisados e a realidade histórica que os cercava. Portanto a literatura, em geral, atuaria, assim como as demais forças conscientes, para a promoção de estruturas sociais que prezavam a liberdade, essencial ao debate de

idéias. A literatura era, pois, tomada numa acepção precisa e definida: criar formas de ação no contexto cultural mediante a reflexão acerca dos dilemas do presente.

O mundo, nesse sentido, apresentava-se como uma entidade socialmente construída: eram as relações entre os indivíduos que o configurava. Seu alicerce deveria consolidar-se no caráter humano das convivências socioculturais que o engendram.

A despeito da ocupação da França pela Alemanha nazista, Lúcia expressou sua posição frente aos blocos que se opunham durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa perspectiva, vale destacar a passagem em que a crítica, ao tecer comentários sobre a obra do escritor português José Osório de Oliveira, *Uma cultura francesa*, solidariza-se com a França prostrada ante a ofensiva nazista:

Não foi sem melancolia que, nesta hora de dor para a França e para o mundo, abri a conferência do senhor José Osório de Oliveira. Falar da cultura francesa é tocar na ferida que sangra no fundo de nossas almas; é revolver o sofrimento, avivando a chama do amor por essa grande e pobre nação crucificada pela derrota, pela humilhação, pelos erros de seus filhos. Diminuída, manietada, sufocada, como poderá a França continuar a ser como que o centro da gravidade do mundo, o ponto em que se encontravam e se fundiam todas as idéias e todas as doutrinas? E como poderemos pensar e viver sem a clara luz, serena e límpida, que não ofuscava nem falhava? (Revista do Brasil, n. 26, ago/ 1940, p. 75-76)

Sob esse prisma, pode-se compreender a sua defesa em prol da manutenção das práticas democráticas, suportes necessários à livre manifestação de pensamentos e ideais, que também se expressavam via literatura. Não é por acaso, portanto, que estabeleceu a aproximação entre esta e a sociedade. A literatura, no sentido atribuído por Lúcia, convertia-se num veículo de compreensão da sociedade que a elaborou. Assim, o estudo das obras de alguns autores portugueses, aquelas que de alguma forma passaram pela censura imposta pelo regime salazarista, ou que simplesmente foram liberadas por não conterem, ao menos explicitamente, elementos subversivos, forneceu elementos para que Lúcia construísse um saber acerca da sociedade portuguesa da época, seus mecanismos de contenção das liberdades, suas táticas para frear o livre impulso das idéias e, ademais, de como os agentes sociais mobilizaram-se perante tantas ordenações. Não poderíamos deixar de mencionar o fato de que a crítica literária levada a efeito em *Letras Portuguesas* forneceu-nos elementos para um percuciente entendimento da sociedade na qual Lúcia estava inserida, além de nos permitir avaliar, em boa conta, o quanto e como a seção utilizou-se das letras para construir um discurso velado contra as instituições erigidas pelo Estado Novo instaurado em 1937, isso na medida em que imperam, como se destacou, frases que entoam toda positividade contida nas formas democráticas de governo, nas quais a liberdade configura-se como palavra de ordem.

Tendo por nota os aspectos acima mencionados, os quais resultam da análise e sistematização da seção, pode-se chegar à conclusão que esta privilegiou por abraçar uma concepção política veladamente oposta a que no momento era divulgada pelo sistema de governo imposto por Getúlio Vargas. Dessa forma, a *Revista do Brasil* fixou-se enquanto forte mecanismo de esclarecimento ou um possível canal do qual se podem perscrutar os pontos que subsidiam nossa compreensão a respeito desse período.

É patente, portanto, que as análises de Lúcia Miguel Pereira para a seção *Letras Portuguesas* nos fornecem uma visão clara acerca da posição assumida pelos intelectuais que veicularam seus escritos pelas páginas da *Revista do Brasil*.

Por último, vale ressaltar que a escritora alcançou grande projeção no cenário cultural brasileiro: atuou como crítica, ensaísta e historiadora da literatura e, em 1936, publicou uma das mais conceituadas biografias sobre Machado de Assis. Assim, além de ter fornecido elementos para a compreensão, bem como para a caracterização precisa do periódico, o acompanhamento do percurso dos escritos de Lúcia ofereceu um panorama acerca de como alguns intelectuais posicionaram-se em relação aos limites impostos pela sociedade brasileira da época.

## Referências Bibliográficas

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998 (Coleção Textos do tempo).

\_\_\_\_\_. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

D'ARAUJO, Maria Celina (org.). *As instituições políticas brasileiras na Era Vargas*. Rio de Janeiro: EDURJ, FGV, 1999.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: Um diagnostico para (N) ação*. SP: Editora Unesp, 1999.

\_\_\_\_\_. Periodismo Cultural: a trajetória da *Revista do Brasil*. In: ABREU, Márcia, SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. São Paulo: Mercado das Letras, 2005, (Histórias de Leitura).

\_\_\_\_\_. História nas e das revistas. In: PINSKY, Carla. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

GOMES, Ângela M. C., OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943), e em livros*; prefácio de Bernado de Mendonça; pesquisa bibliográfica, seleção e notas por Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 5ª ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1979.

## Revista

*Revista do Brasil*, n. 26, ago/ 1940.